

## COMENTÁRIO BÍBLICO

Domingo da Trindade – Ano A

07jun2020

Deuteronómio 4,32-40; Salmo 33,1-12; 2 Coríntios 13,11-14

S. Mateus 28,16-20

<sup>16</sup>Os onze discípulos partiram para a Galileia e foram para o monte que Jesus lhes tinha indicado. <sup>17</sup>Quando o viram, adoraram-no, mas alguns ainda duvidavam.

<sup>18</sup>Então Jesus aproximou-se deles e declarou: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. <sup>19</sup>Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos. Batizem-nos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, <sup>20</sup>ensinando-os a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado. E saibam que estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.»

1. A profissão de fé da Igreja indivisa na existência de três pessoas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo – a SS Trindade) foi afirmada pela primeira vez no “Credo” do concílio de Constantinopla, no ano de 381, que acrescentou a definição da divindade do Espírito Santo à de que o Filho é igual, na divindade, ao Pai (definido anteriormente no concílio de Niceia, 325). Por isso se chama ao Credo que usamos na Santa Eucaristia o Credo Niceno-Constantinopolitano. Mas, embora se apresente com uma estrutura trinitária, este Credo “não diz uma palavra do ‘Deus trino e uno’, da Santíssima Trindade.”<sup>i</sup> Para explicar isto teríamos de abalçar-nos no estudo de definições dogmáticas que, as mais das vezes, não são senão conceitos muito vinculados a uma época e elaborados em Concílios marcados pela cultura helenística. Ora, o que para nós importa, hoje, que celebramos a SS Trindade, é que o Novo Testamento contém várias referências explícitas ao ‘Pai, Filho e Espírito Santo’. Por exemplo, para além da fórmula litúrgica batismal expressa no Evangelho de hoje “*em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*” (S. Mateus 28,19) e, ainda, a bênção conclusiva na segunda carta de Paulo aos Coríntios “*A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo, sejam com todos vós*” (II Coríntios 13, 13), podemos ver também a expressão trinitária por altura do batismo de Jesus (S. Mateus 3, 13-17).

2. Precisamos de apreender da SS Trindade não propriamente “conceitos” mas a “experiência” da relação com o Deus triuno, que se pode traduzir em convicções que guiam a nossa vida. E, no Novo Testamento temos uma experiência que nos pode ajudar na ‘compreensão’ da nossa relação com as três pessoas da SS Trindade. Atentemos no discurso de defesa do protomártir Estevão, durante o qual teve uma visão: «*Estevão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé ao lado direito de Deus”*» (Atos 7, 55-56).

Na verdade, aquele texto propicia uma boa explicação para a afirmação trinitária de Deus. O Espírito Santo está em Estevão (*cheio do Espírito Santo*), dentro dele. O Espírito, essa força e esse poder invisíveis que saem de Deus, preenchem-no totalmente e abrem-lhe os olhos e o céu. Deus (o Pai) permanece oculto, só é visível a Sua glória, o resplendor luminoso que sai d’Ele. Jesus (o Filho do homem), visível, ‘à direita do Pai’, em comunhão de trono, com o

mesmo poder e a mesma glória. Daqui, uma perspectiva plausível das ‘pessoas’ da SS Trindade que nos permite dizer: o Pai, o Deus invisível, o criador, de quem tudo procede e a quem tudo se dirige, que nos tem e ama a todos; o Filho, Jesus, que está com Deus, que é luz e caminho para todos os que O aceitam como Senhor e Salvador; e o Espírito Santo, a força e a liberdade do amor de Deus em nós, que nos comunica o significado da revelação em cada tempo e situação.

3. Por fim, tenhamos em conta a afirmação de S. Paulo: “*Onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade*” (II Coríntios 3, 17). A liberdade para atuar, para viver cheios de gratidão, de esperança e alegria, não obstante as dificuldades e os constrangimentos a que a nossa existência nos sujeita e as nossas falhas pessoais. Tal significa que este espírito de liberdade não nos mostra uma instância fora de nós, onde buscar consolo, mas uma circunstância do presente onde nos temos de esforçar e purificar. Dito de outro modo, o *Espírito do Senhor* (o Espírito de Deus) não deve ser tomado como uma força divina obscura e longínqua, desprovida de nome e suscetível de desfiguração. O *Espírito do Senhor* é sem dúvida o espírito de Jesus Cristo, ou seja, o nome e a medida concreta para examinar e discernir ‘os espíritos’ (do mundo, dos poderes religiosos, da exaltação entusiástica, do fanatismo piedoso e, até, da falsa segurança na fé) com que convivemos na nossa vida (Hans Küng)<sup>ii</sup>.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

---

<sup>i</sup> Hans Küng, “Credo”, Editorial Trotta, Madrid, 1994, pág. 152

<sup>ii</sup> Idem, pág. 157